

Inteligência artificial e a comunicação sem limites

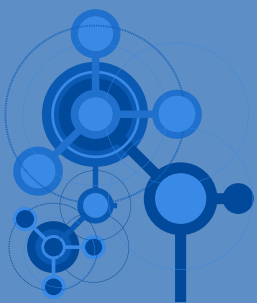
Artificial Intelligence and the unlimited communication

Inteligencia artificial y la comunicación sin limites



Martha Gabriel

- PhD e mestre em artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)
- Pós-graduada em Marketing pela ESPM e design pela Faculdade Belas Artes
- Formação executiva pelo MIT Sloan
- Engenheira pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- E-mail: marthagabrielhq@gmail.com



Apesar da inteligência artificial (IA) fazer parte da nossa história por mais de sete décadas, sua evolução foi lenta e conturbada, repleta de *ups and downs*, mantendo-se restrita quase exclusivamente a ambientes de pesquisa e/ou acadêmicos, inacessível à sociedade. A partir de 2010, entretanto, a confluência de alguns avanços tecnológicos começa a pavimentar a estrada que levaria a IA à maturidade atual: a melhoria na capacidade de processamento computacional e a explosão de dados decorrentes da disseminação das tecnologias digitais. Desde então, isso tem oferecido (e ampliado continuamente) a infraestrutura necessária para o desenvolvimento de aplicações de IA para o ambiente de mercado: poder computacional com dados, muitos dados! Vimos, assim, um impulso considerável na adoção e utilização de sistemas inteligentes no mundo, especialmente nas áreas que contavam com abundância de dados para treinamento de *machine learning*.

No entanto, embora a proliferação de IA – especialmente *deep learning* – oferecesse benefícios cada vez mais significativos para os negócios, seu desenvolvimento e uso ainda dependiam exclusivamente de profissionais técnicos e qualificados na área, o que representava uma grande barreira de entrada para a maioria das organizações. Assim, mesmo avançando intensamente em setores importantes -- como saúde, indústria, finanças etc. –, para a maioria dos indivíduos e áreas corporativas não técnicas a IA ainda era invisível, mais conhecida como ficção científica, algo mágico e distante. Até que, em novembro de 2022, por meio de uma interface conversacional de IA – o ChatGPT –, aquilo que era controlado por poucos passa a ser acessível para todos. Ao invés de programar, agora, para utilizar IA, bastava conversar com ela de forma fácil e natural. Apesar da humanidade já estar “conversando” por mais de uma década com computadores por meio de interfaces de chat escritas ou assistentes de voz, essa relação sempre foi uma experiência limitada com resultados pouco úteis. Não mais. O ChatGPT inaugura a democratização ao acesso dos grandes modelos de linguagem (LLM) da IA generativa, que diferentemente das interfaces conversacionais anteriores, passa a conversar com humanos em um nível de linguagem impressionante.

Até o surgimento do ChatGPT, para nos comunicarmos com computadores, era preciso saber programar para “falar a língua deles”. Agora, eles falam a nossa, e muitas vezes, melhor do que nós mesmos. As primeiras linguagens computacionais eram basicamente zeros e uns, no nível da máquina, que gradativamente foram se tornando mais estruturadas para facilitar a programação por humanos (como Fortran, Cobol, Basic, Pascal etc.), evoluindo para linguagens visuais. Mas, ainda assim, precisávamos falar a língua delas, das máquinas, para nos comunicar com computadores ou por meio deles.

A partir do momento em que as máquinas passaram a conversar com a gente na nossa linguagem, aliás, em quaisquer das nossas linguagens, “dominando” qualquer área do conhecimento e criando conteúdos artificiais multimodais hiper-reais, inauguramos um ponto de inflexão na nossa existência – as possibilidades de comunicação e criatividade humanas passam a se ampliar exponencialmente. Isso certamente dá origem a uma das transformações mais profundas na nossa relação com os computadores, e provavelmente inicia um divisor de águas na evolução humana.

Estamos apenas no início dessa simbiose linguística com as máquinas e já podemos expandir nossas conversas, textos, criações, discussões, comparações, argumentações, estudos etc., apenas conversando com elas. No entanto, as máquinas também estão no início da sua expansão de linguagens e elas não se limitam a entender e conversar nas nossas linguagens humanas. Elas estão indo além, muito além. Os sistemas inteligentes estão aprendendo também as línguas dos animais, da atividade cerebral humana, dos nossos sonhos, enfim, de tudo o que é formado por padrões vibrando para ser decodificados, o código da vida.

Wittgenstein nos ensinou que “o limite da nossa linguagem é o limite do nosso mundo”. Assim, se o nosso alcance era limitado por nossas linguagens, agora, com a IA, ele se torna virtualmente infinito. Ela traz o potencial para desbloquear quaisquer linguagens – sejam elas idiomas, códigos computacionais, vibrações, sons, cultura, seja qualquer outra. A nossa simbiose com esses sistemas inteligentes tende a ampliar a capacidade de comunicação humana para patamares espetaculares. O sistema operacional humano é a linguagem, e está passando por um upgrade poderoso – isso lança as fundações para o que tende a ser a maior revolução cognitiva da história da humanidade, e para ampliar a nossa realidade da mesma forma que, na ficção, o tradutor universal de *Star Trek* possibilitava a expansão humana no universo.